

Samney, ressentido, reage

RITAMARIA PEREIRA

O presidente José Sarney resolveu responder ao governador Orestes Quércia no mesmo tom do que considerou descortesia política dele, ao atacar o Governo Federal em comício público realizado sábado em Campinas. Por isso, aproveitou a agenda cheia e sobrecarregada com a viagem a Moscou, que começa hoje, se desculpou e pediu ao ministro Roberto Cardoso Alves que o representasse na feira de automóveis inaugurada ontem em São Paulo.

O motivo do aborrecimento, por sinal, atinge em diferentes graus todos os governadores, porque o Presidente acha que eles cobram medidas efetivas do Governo para o controle da inflação e do déficit público, mas na hora de darem as suas contribuições, a grita é geral, como vêm fazendo com o percentual de 25% fixado na operação desmonte para o pagamento dos serviços das dívidas dos Estados. Ora, raciocinam os assessores palacianos, ninguém quer ajudar o presidente José Sarney a segurar o andar e ainda acham correto arrombar os cofres do tesouro.

Quanto a São Paulo, o sentimento do presidente Sarney ficou mais latente porque acha que o Governador Orestes Quércia tem excelente entrosamento com o Governo Federal e dele vem recebendo tratamento diferenciado. Por isso, se estava insatisfeito deveria ter procurado os mesmos canais de comuni-

cação para manifestar seus pontos de vista. Só que preferiu o palanque, atacando a operação desmonte como fez no sábado.

O ministro Roberto Cardoso Alves, também procurou minimizar o episódio, negando o atrito do Presidente com o governador Orestes Quércia. Este, usou a mesma estratégia e, ontem, ao ser questionado sobre as razões da ausência de Sarney na inauguração da feira de automóveis, encerrou a entrevista sem responder.

Para Robertão, o que existe não é um atrito do Presidente com o governador Orestes Quércia, mas pontos de vista diferentes a respeito dos 25% de pagamento das dívidas dos Estados. O ministro, contudo, está seguro de que o problema é com o ministro Mailson da Nóbrega, a quem o governador deverá recorrer para encontrar um meio de atender a seus objetivos, que, reconhece, são conflitantes com a política do Executivo.

A questão da rolagem da dívida dos Estados, que se passar dos 25% previstos na operação desmonte para os 10% propostos pelos governadores criaria problemas para a União, tem despertado muita atenção dos assessores políticos do Palácio do Planalto. Eles também acompanham a posição do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, esperando dele uma postura tão equilibrada quanto a mantida ao presidir a Assembleia Nacional Constituinte.